

O PROCESSO REVELACIONAL E INSPIRACIONAL DO CÂNON SAGRADO NO CONTEXTO CRISTOLÓGICO: UMA ABORDAGEM SOTERIOLOGICA E ECLESIASTICA, NUMA CONJUNTURA DE PRÁXI CRISTÃ.

THE REVELATIONAL AND INSPIRATIONAL PROCESS OF THE SACRED CANON IN THE CHRISTOLOGICAL CONTEXT: A SOTERIOLOGICAL AND ECCLESIASTICAL APPROACH, IN A CONJUNCT OF CHRISTIAN PRAXIS.

Samuel Caitano¹

RESUMO: É certo que não se estuda Deus na Teologia, como sugere a tradução terminológica livre das palavras gregas *theos* (“Deus”) e *logos* (“estudo”), antes, estuda-se, na verdade, a Sua Revelação, ou melhor, Sua Auto-Revelação. Logo, é a partir desta que tudo o mais faz sentido. A própria Bibliologia tem de render-se ao processo revelacional e inspiracional trinitário e dinâmico-progressivo de Deus na canonização das Escrituras ao longo da história humana. Embora seja Jesus Cristo o ápice desta Revelação, a Bíblia é sua base e constitui-se na regra de fé e prática da vida cristã. Consequentemente, é certo dizer, todas as disciplinas teológicas dependem, diretamente, da Bíblia; e esta, por sua vez, não apenas depende, sobretudo, exalta a Revelação de Deus.

Palavras-Chave: Revelação divina. Inspiração. Canonicidade. Bibliologia. Cristologia.

ABSTRACT: It is true that one does not study God in Theology, as the free terminological translation of the Greek words *theos* ("God") and *logos* ("study") suggests, rather, his Revelation, or rather His Self-Revelation. Therefore, it is from this that everything else makes sense. Bibliology itself has to surrender to the revelatory and inspirational Trinitarian and dynamic-progressive process of God in the canonization of Scripture throughout human history. Although Jesus Christ is the apex of this Revelation, the Bible is its basis and is the rule of faith and practice of the Christian life. Consequently, it is true to say, all theological disciplines depend directly on the Bible; and this, in turn, not only depends, above all, exalts the Revelation of God.

Keywords: Divine Revelation. Inspiration. Canonicity. Bibliology. Christology.

INTRODUÇÃO

“O propósito óbvio da Bíblia [...]” diz George Eldon Ladd, “[...] é contar a história a respeito de Deus e de seus atos na história para a salvação da humanidade”². Logo, obviamente, está se falando aqui, explicitamente, de “Revelação”.

¹ Professor do IBME-Instituto Bíblico Minha Esperança (DF); Esp. em Bibliologia e Línguas Bíblicas pelo UNEPOS-União de Estudos e Pós-Graduação (DF); graduado em Enfermagem pelo UDF-Centro Universitário; pastor numa congregação da Assembleia de Deus de Brasília (ADEB) em São Gabriel-GO; membro permanente da ANE-Associação Nacional dos Escritores e do COMEP-Conselho de Ministros Evangélicos de Planaltina-GO. E-mail: scaitano.paz@gmail.com. Site oficial: <https://samuelcaitano.wixsite.com/solusevangelium>. Canal no You Tube: Solus Evangelium.

Hermisten Maia quando afirma que “[...] a Bíblia é [simplesmente] o resultado da vontade soberana de Deus, que se revelou e fez registrar fidedignamente essa revelação”³ está tratando exatamente desta temática. Deste modo, entende-se que todos os 31.173 versículos, alocados nos 1.189 capítulos⁴ e organizados dentro dos 66 livros que formam o Cânon – palavra que “no sentido religioso [...] significa aquilo que [...] serve de norma, regra”⁵ – da Bíblia Sagrada (o Cânon protestante em português segue a Bíblia Hebraica quanto ao número de livros do AT e a Vulgata quanto à ordem dos livros do AT e NT), foram, de fato e de verdade, total – e não apenas parcialmente – inspirados pelo Eterno (2 Tm 3: 16-17; 2Pe 1: 21; Is 34: 16; 50: 4), i. e., foram “soprados por Deus” (gr. θεόπνευστος trans. *Theopneustos*), e, assim, não apenas contém, mas são (e/ou é) a própria Palavra de Deus – fruto de Sua auto-revelação ou “autodesvendamento deliberado”⁶ à humanidade. Então, é a partir da Revelação divina que tudo o mais “faz sentido”. Horton põe isto nos seguintes termos: “Esta revelação é o fundamento de todas as afirmações e pronunciamentos teológicos.”⁷

Em síntese, o entendimento de que a “Revelação antecede a Inspiração”, nas palavras do Dr. Ricardo Almeida⁸, deve ser considerado com grande estima no estudo da canonicidade da Sagrada Escritura. Até porque, pode-se dizer, a Inspiração é como que “um ponto específico” dentro de um “todo”, a saber, a Revelação. No entanto, deve-se destacar que este Processo Revelacional (PR) de Deus é tanto “dinâmico” quanto “progressivo”, possuindo o seu ápice em Jesus Cristo (Hb 1: 1-2) – passando por Sua Encarnação (onde tem-se o conceito de “Epistemologia Trinitária”), Vida, Ministério terreno, Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão ao céu.

Destarte, a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* expõe, sinteticamente, que o “[...] alvo principal [da Bíblia] é [...] levar-nos à redenção em Jesus Cristo.”⁹ O mesmo é dito por Horton: “A revelação de Deus [...] é redentora no seu caráter.”¹⁰

² LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Ed. Rev. São Paulo: Hagnos, 2003. P. 38.

³ COSTA, Hermisten Maria Pereira da. **A inspiração e inerrância das escrituras**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 65.

⁴ JÚNIOR, Pr. Carvalho. **Coletânea de Curiosidades Bíblicas e Históricas**. Minas Gerais, 2007. p. 50.

⁵ SILVA, Antônio Gilberto da. **A Bíblia através dos séculos: A história e formação do Livro dos Livros**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 15ª Edição-2004; 1986. p. 51.

⁶ HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: Uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1996. p. 67.

⁷ HORTON, 1996, p. 65.

⁸ Frase dita pelo Dr. Ricardo de Almeida durante a aula de “inspiração e canonicidade das Escrituras” aos alunos de Pós-graduação do curso de Bibliologia e Línguas Bíblicas da UNEPOS, em Fevereiro de 2018.

⁹ SILVA, Ezequias Soares da (Org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. 3º ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 29.

¹⁰ HORTON, 1996, p. 70.

Tal fato precisa ser frisado na Igreja hodierna, haja vista ser Cristo o centro de toda a Bíblia Sagrada. Ele é o protagonista principal de toda história da salvação. Tudo converge nEle. Os escritos veterotestamentários apontam para Ele e os neotestamentários tratam dEle. Por isso é que o questionamento do reformador Martinho Lutero foi: “Tire Cristo da Bíblia e o que mais se encontrará nela?”¹¹

A relação entre a Bibliologia e a Cristologia é tão estreita, que Cullmann, em seu compendio teológico, chega a afirmar, categoricamente, que no processo de compreensão teológica cristã, “[...] toda teologia se convertia em cristologia.”¹² E, de fato, o princípio do “*Sola Scriptura*” leva, necessariamente, ao do “*Solus Christus*”, dentro do descortinar de Deus na história humana. Exatamente por isso é que Sandy Willson afirma: “Se entendermos ou interpretarmos erradamente quem Cristo é e o que Cristo fez, colocamos em perigo nossa salvação eterna.”¹³

Pode-se dizer, então, que a Bibliologia serve à Cristologia (2Tm 3: 15; Jo 5: 35). Horton confirma isto dizendo que “o cristianismo evangélico reconhece como revelação tanto o Verbo vivo quanto a Palavra escrita”¹⁴, mas, conclui ele, “a autoridade da Palavra escrita está ancorada na autoridade de Jesus.”¹⁵

É certo que isto possui implicações no âmbito eclesiológico, o que confronta, diretamente, o relativismo liberalista que tem-se infiltrado sorrateiramente no contexto local da Igreja. Nas palavras de Zágari, “[...] os púlpitos da Igreja evangélica brasileira experimentam [um grande] declínio no ensino da centralidade de Cristo”¹⁶, gerando assim, visivelmente, uma “pregação inacabada”, o que resulta em um pequeno, reduzido, liberal, superficial, *light*, híbrido, pragmático, adocicado, palatável, sincrético, místico, presunçoso, egoísta, triunfalista, relativista e falso evangelho que, por si só, é de todo insuficiente para levar os homens à salvação em Jesus, quando comparado com o genuíno Evangelho revelado – ou o Evangelho da Revelação – no Cânon Sagrado.

¹¹ ZÁGARI, Maurício (organização). **Uma nova reforma: Após 500 anos, o que ainda precisa mudar?** Vários autores, 1ª Ed, São Paulo: Mundo Cristão, 2017. p. 69. De fato o Cristianismo é a religião cujo O Deus-encarnado (Jesus) é o centro e essência de todo o seu credo, prática e pregação!

¹² CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 418. CULLMANN, 2008. p. 418

¹³ CARSON, D. A.; KELLER, Timothy. **O Evangelho no Centro: Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial**. São José dos campos, SP: Editora Fiel, 2013. p. 178.

¹⁴ HORTON, 1996, p. 81.

¹⁵ HORTON, 1996, p. 94.

¹⁶ ZÁGARI, 2017, p. 132.

E nesta (as Sagradas Escrituras) a questão soteriológica está muito bem fundamentada. No entanto, a despeito disto, o ponto nevrálgico da soteriologia bíblica encontra-se justamente na Inspiração *plenária* (a Bíblia é inspirada por completo, no seu todo – 2Tm 3: 16; 2Pe 1: 20-21¹⁷), *verbal* (assim como as palavras revelam os pensamentos, a Bíblia foi escrita em palavras revelando o ser de Deus, Sua santa vontade e o que mais Ele aprobe revelar, de modo que a Inspiração estende-se aos pensamentos bem como às palavras. Assim, todas as palavras dos autógrafos originais são palavra de Deus [2Sm 23: 2; Jr 1: 9; Mt 5: 18; 1Co 2: 13]), *dinâmica* (Deus não anulou a personalidade dos escritores, de modo que respeita seus padrões cognitivos – muito embora Ele mesmo transcenda a própria revelação¹⁸. Logo, por revelar-Se de forma antropomórfica, Deus permitiu que cada um escrevesse dentro de um contexto, cultura, experiência de vida, estilo literário e etc., específico) e *sobrenatural* (a origem da Bíblia dá-se no próprio Deus – a palavra grega *theopneustos* alude a esta ideia. Assim, seus efeitos, pelo Espírito Santo, são visíveis e vivíveis nos crentes eleitos em Jesus – Jo 17: 17; Rm 10: 17; Cl 1: 3-6; 1Pe 1: 23) das Escrituras, dentro do PR de Deus à humanidade.

Deste modo, como a salvação ocorre pela fé somente, mas tal fé só vem pelo ouvir a pregação da Palavra de Deus – A Bíblia Sagrada – (Rm 10: 17), lê-la, ouvi-la, estudá-la, compreendê-la e, sobretudo, vivê-la, é o que a humanidade precisa para crer, se arrepender e encontrar o Verbo Vivo e divino encarnado que, agora, é/está glorificado.

Disto, a Soteriologia, Eclesiologia e Cristologia (bem como todas as demais matérias teológicas) “dependem” diretamente da questão da Inspiração e Canonicidade das Escrituras dentro do PR trinitário e progressivo da Deidade Eterna – Deus. Sendo assim, faz-se necessário uma maior compreensão da temática abordada.

OBJETIVOS

- **Objetivo Geral:**

Analisar, pelo viés de uma revisão bibliográfica, o processo revelacional e inspiracional das Escrituras Sagradas, priorizando, sobretudo, a Cristologia bíblica.

- **Objetivos Específicos:**

¹⁷ Ver também: CAITANO, Samuel. **Aprovados em Cristo: Uma análise bíblica, profunda e coerente da aprovação em Cristo a partir de Rm 16: 10a**. Brasília, DF: Clube de Autores, 2017. p. 13.

¹⁸ HORTON, 1996, p. 70-71.

- Abordar as implicações soteriológicas e eclesiológicas do conhecimento formal da canonicidade da Bíblia Sagrada.
- Avaliar a relevância deste conhecimento acadêmico para a *Práxi* Cristã saudável, equilibrada e neotestamentária.
- Contribuir com a literatura já existente mostrando a importância da temática abordada por meio de uma revisão bibliográfica/integrativa.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um levantamento da produção científica do tipo revisão integrativa em livros, teses, periódicos nacionais e internacionais e artigos científicos nas bases de dados eletrônicas do site do SciELO - Scientific Electronic Library Online via Google; sobre a temática da Inspiração e Canonicidade da Bíblia, nos idiomas em inglês, espanhol e português, utilizando como instrumento de busca os termos “bibliologia”, “inspiração”, “canonicidade” e “revelação divina”. Optou-se por utilizar esse tipo de material por considerar sua acessibilidade aos estudantes de Teologia.

Todo o levantamento da produção científica foi selecionado e filtrado com base nos critérios de inclusão pré-estabelecidos, a saber, abordarem a temática em estudo, passando então a ser analisados aqui. Procedeu-se, então, à análise do material selecionado, seguindo-se as etapas: leitura exploratória – a fim de conhecer todo o material, leitura analítica dos textos, momento de apreciação e julgamento das informações, evidenciando-se os principais aspectos abordados sobre o tema. Finalmente, leitura interpretativa que, apoiada na experiência profissional dos pesquisadores, conferiu significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica.

DISCUSSÃO

“O cristianismo é a religião baseada na revelação que Deus fez de si mesmo.”¹⁹ Tal Revelação foi tanto deliberada quanto soberana.²⁰ Na prática, isto implica em dizer que Deus determinou, soberanamente, as ocasiões da Sua revelação; a maneira de se revelar; o local e as circunstâncias desta revelação; e até mesmo quem à receberia.²¹ Carl F. H. Henry também exalta a soberania de Deus no

¹⁹ HORTON, 1996, p. 65.

²⁰ HORTON, 1996, p. 67.

²¹ HORTON, 1996, p. 68.

PR dizendo que “o Deus da Bíblia é totalmente determinativo no tocante à revelação.”²² Deste modo, Deus decidiu revelar-Se de duas maneiras: Uma Revelação geral (RG), e uma específica (RE).

Na RG, o Eterno “se faz conhecido através da história, do ambiente natural e da natureza humana.”²³ Já na RE, o Senhor desvenda-Se a Si mesmo “de modo imediato e sobrenatural.”²⁴ Quanto à RE, a humanidade depende inteiramente de Deus para apropriar-se dela²⁵, uma vez que a Bíblia enfatiza, com veemência, a doutrina da Depravação Total²⁶, caso contrário, a salvação já não seria mais por Graça, e sim por méritos.

Para tanto, i. e., para que o ser humano possa apropriar-se desta RE, Deus revelou-se: 1º) pela Sua Palavra Escrita – a Bíblia Sagrada (Jo 5: 39; Jo 20: 31; Is 34: 16; 2Pe 1: 20-21; 2Tm 3: 16-17; Jó 32: 8) e 2º) em Seu Filho Jesus Cristo – Sua Palavra Viva (2Co 5: 18-19; Hb 1: 1-2; Jo 1: 14; 3: 16). Daí a importância do estudo da Inspiração e da Canonicidade das Escrituras dentro do PR no Contexto Cristológico!

A conjuntura geral da Revelação de Deus é Cristológica. Mas, este revelar-se da deidade santa, dá-se em âmbito bibliológico, i. e., embora o ponto nevrálgico do PR divino esteja em Cristo, seu desencadear na história humana (conceito de *toledots*) passa pela Inspiração e processo de Canonização das Escrituras (PCE). Deste modo, o revelar-se de Deus através da Bíblia envolve a ambas as coisas: Inspiração e Canonicidade.

1. INSPIRAÇÃO.

Oliveira é enfático em sua afirmativa: “O que diferencia a Bíblia de todos os demais livros do mundo é a sua *inspiração divina*”²⁷, o que é definido por ele como sendo a “[...] influência controladora que Deus exerceu sobre os escritores da Bíblia.”²⁸ Ele está correto. Haja vista que a palavra usada para inspiração no grego é *θεόπνευστος* (trans. *theopneustos*), i. e., “soprado/expirado/respirado por Deus” (2 Tm 3: 16-17; 2Pe 1: 21. Ver também Is 34: 16; 50: 4).

²² HENRY, Carl F. H. **God, Revelation and Authority**, Vol. 2 (Waco, Tex.: Word Books, 1976). p. 19.

²³ HORTON, 1996, p. 73.

²⁴ HORTON, 1996, p. 73.

²⁵ HORTON, 1996, p. 82.

²⁶ Doutrina que diz ter o pecado afetado à toda a humanidade e a todas as áreas da vida humana (Gn 6: 5; 8: 21; Rm 1: 24-27, 28-31; 3: 9-12, 23; 5: 12, 19; 6: 6, 16-20, 23; 7: 14; 8: 7; 10: 20; Jó 15: 14-16, 25: 4-6; Ec 7: 29; 8: 11; 9: 3; Sl 5: 9; 10: 4; 36: 1-2; 143: 2; Gl 3: 22; 4: 8-9; Is 1: 5-6; 53: 6; 59: 2; 65: 1; 64: 6-7; Mq 7: 2-4; Mt 15: 19; Mc 7: 21-23; 10: 18; Lc 18: 19; Jo 3: 6, 19-20; 8: 44; 15: 5; Jr 10: 7-8, 14; 17: 9; Tt 1: 15-16; 3: 3; Ef 2: 3, 12-13; 4: 17-18; Pv 10: 20; 15: 8-9; 21: 10; 28: 9, 26; 2Tm 2: 25-26; 1Sm 24: 13; Mt 7: 18; 12: 34-35; Cl 1: 21; Hb 8: 7-8; 11: 6; 1Co 1: 18, 21-24; 2: 14; 2Co 4: 3-4; Ez 11: 19; 36: 26). Segundo Wellington, um teólogo arminiano de grande protagonismo nacional, é “[...] exatamente em razão da depravação total, [que] todos os homens precisam de Deus para serem salvos” (MARIANO, Wellington. **O que é Teologia Arminiana?** 1ª Edição – São Paulo: Editora Reflexão, 2015. p. 23).

²⁷ OLIVEIRA, Raimundo, Ferreira de. **Como estudar e interpretar a Bíblia**. Rio do Janeiro, RJ: CPAD, 1986. p. 29.

²⁸ OLIVEIRA, Raimundo, Ferreira de. **As grandes doutrinas da Bíblia**. Rio do Janeiro, RJ: CPAD, 1987. p. 18.

Na mesma linha de pensamento, porém, com maior eloquência, Webster define Inspiração como “a influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre a mente humana, pela qual os profetas, apóstolos e escritores sacros foram capacitados a expor a verdade divina sem nenhum erro.”²⁹ Gausson, por sua vez, diz ser a Inspiração “o poder inexplicável que o Espírito Divino exerce sobre os autores das Escrituras, ao guiá-los até mesmo no emprego correto das palavras e ao preservá-los de todo erro, bem como de qualquer omissão.”³⁰ Ainda mais profundo nesta temática é Van Groningen:

O Espírito Santo habitou em certos homens, inspirou-os, e assim dirigiu-os, que eles, em plena consciência, expressaram-se na sua singular maneira pessoal. O Espírito capacitou homens a conhecer e expressar a verdade de Deus. Ele impediu-os de incluir qualquer coisa que fosse contrária a essa verdade de Deus. Ele também os impediu de escrever coisas verdadeiras que não eram necessárias. Assim, homens escreveram como homens, mas, ao mesmo tempo, comunicaram a mensagem de Deus, não a do homem.³¹

Por fim, Hermisten Maia sintetiza o assunto afirmando que a Inspiração divina da Bíblia trata-se da “[...] influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre os homens separados por ele mesmo, a fim de registrarem de modo inerrante e suficiente toda a vontade de Deus, constituindo esse registro na única fonte e norma de todo o conhecimento cristão.”³²

Portanto, Inspiração “tem a ver a com a habilidade comunicada pelo Espírito Santo, de receber a mensagem divina e de registrá-la com absoluta exatidão.”³³ Logo, segue-se que a doutrina da Inspiração bíblica é essencial ao Cristianismo e é a condição *sine qua non* da teologia evangélica.³⁴

No entanto, ainda que “não incorreto” o seu uso e tradicionalmente aceito amplamente na Igreja cristã, há uma pequena contradição no termo “inspiração”. Isto porque, no grego, *theopneustos* não significa “inspirar” no sentido comum (literal) do vocábulo (“pôr para dentro” – o ar), antes, o sentido exato é “soprado/respirado/expirado por Deus” (i.e. “pôr para fora” – o ar) – 2 Tm 3: 16-17; 2Pe 1: 21. Deste modo, etimológica e conceitualmente falando,

²⁹ PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. Tradução: Lawrence Olson. 3. Ed. São Paulo: Editora Vida, 2009. p. 28.

³⁰ PEARLMAN, 2009, p. 28

³¹ GRONINGEN, Gerard Van, **Revelação Messiânica no Velho Testamento**, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1995. p. 64-65.

³² COSTA, 2008, p. 66.

³³ OLIVEIRA, 1987, p. 18.

³⁴ HODGES, Louis Igou. **Evangelical Definitions of Inspiration: Critiques and a Suggested Definition**, JETS 3771, 1994. p. 99.

theopneustos não significa “soprado para dentro”, mas, “soprado para fora”.³⁵ Até porque, há de se destacar que a palavra “inspiração” não ocorre originalmente no NT, apenas no AT – em Jó 35: 10. O que tem-se então nos apógrafos atualmente, trata-se de uma tradução hermenêutica do texto de 2Tm 3: 16, de modo que a versão que se tem hoje deriva da Vulgata Latina que traduz o texto paulino como “*Divinitus Inspirata*”.³⁶

Warfield elucida melhor esta incoerência terminológica dizendo que “a palavra grega usada nesta passagem *theopneustos*, muito claramente, não significa ‘inspirado por Deus’”.³⁷ Deste modo, o termo grego não significa que a Bíblia foi “aspirada por Deus” ou é produto de Sua “inalação”, mas, ao contrário, que ela é “soprada por Deus”, produto do Seu “sopro criador”.³⁸ Então, conclui Warfield, “[...] a Escritura é um produto divino, sem qualquer indicação de como Deus operou para sua produção.”³⁹ Stanley M. Horton concorda com Benjamin Warfield pondo seu pensamento nos seguintes termos:

*O valor das Escrituras deriva-se de sua origem. Paulo indica que o mérito das Escrituras não está no escritor humano, mas no próprio Deus. Ele afirma: “Toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3: 16). O termo “inspiração” é derivado desse versículo, e aplicado à escrita da Bíblia. A palavra grega empregada aqui é *theopneustos* que, literalmente, significa “soprado por Deus”. [...] O artigo grego (*theopneustos*) é claramente predicativo, e é usado para identificar a fonte originária de todas as Escrituras. Deus é o autor, em última análise. Logo, toda a Escritura é a voz de Deus, a Palavra de Deus (At 4.25; Hb 1.5-13).⁴⁰*

No entanto, a despeito deste pequeno paradoxo conceitual⁴¹, predomina o significado teológico do termo, o qual, como já amplamente demonstrado, refere-se a procedência da Bíblia Sagrada. De fato, Deus é Seu autor. As Escrituras foram “sopradas” por Ele; procederam dEle!

2. CANONICIDADE.

Se a Inspiração envolve a ação divina do Espírito Santo sobre os escritores sacros (cf. Is 34: 16) o que, em síntese, pode-se dizer que trata-se do “lado divino” da Bíblia, a questão

³⁵ COSTA, 2008, p. 64.

³⁶ COSTA, 2008, p. 64.

³⁷ WARFIELD, Benjamin. **A Inspiração e autoridade da Bíblia**. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 107.

³⁸ WARFIELD, 2010, p. 107.

³⁹ WARFIELD, 2010, p. 107.

⁴⁰ HORTON, 1996, p. 100.

⁴¹ Tal paradoxo deve-se às imprecisões da linguagem humana. Isto também ocorre com outros termos e outras expressões e em diversas áreas. A guisa de exemplificação, cientificamente falando, não é errado chamar “átomo” de átomo, mas, conceitualmente sim, haja vista que ele já é divisível e o significado básico do mesmo implica em algo indivisível.

da Canonicidade, i. e., o PCE, refere-se ao “lado humano” da mesma. Numa linguagem mais sucinta, pode-se dizer que “a inspiração é o meio pelo qual a Bíblia recebeu sua *autoridade*”, ao passo que “[...] canonização é o processo pelo qual a Bíblia recebeu sua *aceitação definitiva*”.⁴²

Etimologicamente, o termo “Cânon” é a transliteração do termo grego κανών (trans. *Kanwnn*), que significa “vara reta”, “régua”, “regra”. Mas, com o passar do tempo, Cânon veio a significar, no contexto religioso, aquilo serve de norma, regra.⁴³ F. F. Bruce define o Cânon das Escrituras como sendo “a lista dos livros contidos nas Escrituras, os livros reconhecidos como dignos de serem incluídos entre os escritos sagrados de uma comunidade de adoradores.”⁴⁴

Ora, obviamente, o reconhecimento e a inclusão destes livros exigem alguns critérios prévios. Mas quais?

Sabe-se que, entre os cristãos da Era Apostólica, a preocupação com os critérios de canonicidade da Palavra de Deus inexistia, e por razões óbvias, diga-se de passagem.⁴⁵ Horton expõe isso dizendo que “o Cânon foi formado por um consenso, e não por um decreto”, deste modo, “[...] a igreja não era autoridade; mas percebia a autoridade na Palavra inspirada.”⁴⁶ Isso leva ao fato de que as duas temáticas estão intrinsecamente interligadas, de modo que a Canonicidade da Bíblia é determinada pela sua Inspiração divina.⁴⁷

Mas, quanto a problemática levantada, sejam quais forem as medidas (i. e., os cânones) usados pela Igreja ao longo de sua história para canonização definitiva das Escrituras, o fato é que, vê-se claramente a providência de Deus em todo o PCE, o que, visivelmente, também engloba a sua preservação e unicidade.

Isso é importante ser frisado por causa de ideias que, pelo viés do liberalismo teológico, muito se tem questionado acerca da “versão” da Bíblia que tem-se hoje. No entanto, Horton resume isto simplificando nos seguintes termos:

Não se pode dizer que as cópias, as versões e as traduções foram inspiradas na sua produção, mas, seguramente [...] retêm a qualidade de inspiração que estava presente nos autógrafos. De outra forma, a Bíblia não seria fonte de autoridade. O ato da inspiração aconteceu uma só vez; a *qualidade* da inspiração continuou sendo

⁴² GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução Bíblica**. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 41.

⁴³ SILVA, 1986, p. 51.

⁴⁴ BRUCE, F. F. **O cânon das escrituras**. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Hagnos, 2011. p. 17.

⁴⁵ BRUCE, 2011, p. 17

⁴⁶ HORTON, 1996, p. 115.

⁴⁷ GEISLER; NIX, 2006, p. 65.

mantida nos apógrafos. O ato original da inspiração produziu uma Palavra inspirada *tanto* nos autógrafos *quanto* nos apógrafos.⁴⁸

Então, dentro do PR, com seu ponto culminante em Cristo – nEle coincidem a Fonte e o Conteúdo da revelação⁴⁹ –, temos a Bíblia Sagrada que, no Processo Revelacional e Inspiracional (PRI) da mesma, tem-se a sua autoridade, poder e relevância para a *práxi* cristã no contexto soteriológico e eclesiástico.

Destarte, não há como ficar neutro em relação à Bíblia. Tratá-la como de fato ela é, é essencial e imprescindível para confrontar aquilo que o teólogo pentecostal Stanley M. Horton vai chamar de “rivais das Escrituras”, a saber, a tradição oral, tradição religiosa (autoridade da igreja), o experiencialismo pessoal e até mesmo o Espírito Santo – “expressões” sobrenaturais tidas oriundas dEle, tais como, profecias, visões, sonhos, etc. –, e que ainda hoje predomina nos arraiais evangélicos,⁵⁰ diga-se de passagem.

Então, concluindo, na RG de Deus, Seus atos se destacam, ao passo que, na RE, prioritariamente, tem-se a Sua palavra, escrita sim com linguagem humana (doutro modo, como seres humanos a entenderiam?! Senão em sua própria linguagem?), o que, perceptivelmente, espera-se que a ela contenha as imprecisões da linguagem e gramática humana (ressalta-se que “imprecisões” não é sinônimo de “erro”).⁵¹ Em síntese, Deus respeitou os padrões cognitivos dos escritores sacros. Disso, tem-se a ideia de *Concursos*, ou seja, a noção de que a Bíblia é um livro divino-humano.⁵² Consequentemente, o que marca a RE de Deus, bem como o Cristianismo autêntico como um todo, é a Sua santa Palavra.

Fica evidente então que toda a questão do PRI da Escritura bem como do PR divino, ganha contornos práticos e eclesiológicos. Em uma grande pesquisa recente (publicada em 2017) de caráter demográfico, feita com pastores titulares de 1.483 igrejas de todo o Brasil e de modo interdenominacional, Ed Stetzer e Sérgio Queiroz apresentaram (ente outros) um dado estatístico interessante e que vem a provar isto:⁵³

⁴⁸ HORTON, 1996, p. 113.

⁴⁹ HORTON, 1996, p. 121,

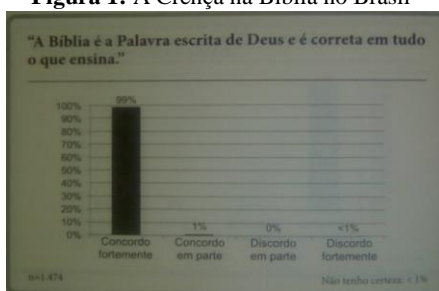
⁵⁰ HORTON, 1996, p. 86-88.

⁵¹ É conhecida a clássica frase de Frederico Willer: “A Bíblia é Deus falando com sotaque humano”.

⁵² Significa que a linguagem da Bíblia é de fato humana, mas a sua mensagem é divina. Logo, não se tem “co-autoria” na Escritura, antes, meramente (e tão somente), “co-textualidade”. Deus é Seu autor, o homem, apenas Seu instrumento.

⁵³ STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. **Igrejas que transformam o Brasil: Sinais de um movimento revolucionário e inspirador**. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017. p. 232.

Figura 1: A Crença na Bíblia no Brasil



Fonte: STETZER; QUEIROZ, 2017, p. 232

Pelos dados, pode-se afirmar que, apesar do avanço significativo, nefasto, danoso e destruidor do Liberalismo Teológico no contexto local da *Ekklesia*, 99% das igrejas evangélicas em solo brasileiro ainda creem e professam que a Bíblia é sim a Palavra de Deus e é correta em tudo o que ensina (aqui tem-se o conceito de inerrância, suficiência e infalibilidade das Escrituras) contra os 1% que concorda apenas em parte (influenciados pelos liberais, por certo). Menos de 1% não tem certeza deste fato e 1% apresentou-se totalmente cético quanto a questão.

De toda forma, embora a pesquisa não seja conclusiva e esteja ainda em sua primeira fase,⁵⁴ ela é útil para provar que, por todos os seus atributos, a Bíblia Sagrada é – e continuará sendo – normativa, instrutiva e autoritativa na (e para a) Igreja do Cordeiro. Negar isso, não apenas acarretará sérias implicações soteriológicas, como também, e sobretudo, ainda que de forma subjetiva, a Igreja, simplesmente, deixará de sê-la.

CONCLUSÃO

Sabe-se que é do interesse do próprio Deus salvar a todos (1Tm 2: 1-6; Tt 2: 11; At 17: 30; Rm 10: 9-10; Jo 3: 16; Lc 19: 10, 56) e que, verdadeiramente, Deus está “[...] desde a antiguidade operando a salvação no meio da terra” (Sl 74: 12), e “Operando Eu [Deus], quem impedirá? (Is 43: 13). Mas como ocorre tal salvação?

Indubitavelmente, ela ocorre pela Graça divina através do arrependimento dos pecados diante de Deus como resultado da fé em Jesus – o Único que pode salvar (At 4: 12; 16: 30-31; 2Tm 2: 5; Mc 16: 16; Jo 1: 11-12; 3: 16, 18; 5: 24; 10: 10, 28; 14: 6; 15: 5b; 20: 30-31; 1Jo 5: 12-13; Gl 2: 16; Lc 4: 17-19; 19: 10; Rm 10: 9; 1Tm 1: 15; Hb 7: 24; Ap 1: 17-18; 22: 17) e em sua obra salvífica na rude Cruz (Ef 2: 8-9).

⁵⁴ STETZER; QUEIROZ, 2017, p. 231.

Mas se isto é tão óbvio assim, como se soube e se sabe isto/disto? Está claro, pela própria pergunta, que tal conhecimento tem sua gênese na Bíblia Sagrada, dentro de um contexto maior: A Revelação divina. Portanto, em virtude de seu caráter divino-humano, por sua história de formação dinâmica-progressiva e por sua essência inspirativa, ela é autoritativa e normativa no contexto eclesialístico e prático para o cristão.

Sola Scriptura!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRUCE, F. F. **O cânon das escrituras**. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Hagnos, 2011.
2. CAITANO, Samuel. **Aprovados em Cristo: Uma análise bíblica, profunda e coerente da aprovação em Cristo a partir de Rm 16: 10a**. Brasília, DF: Clube de Autores, 2017.
3. CARSON, D. A.; KELLER, Timothy. **O Evangelho no Centro: Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial**. São José dos campos, SP: Editora Fiel, 2013.
4. COSTA, Hermisten Maria Pereira da. **A inspiração e inerrância das escrituras**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
5. CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.
6. SILVA, Ezequias Soares da (Org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. 3º ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
7. GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução Bíblica**. São Paulo: Editora Vida, 2006.
8. GRONINGEN, Gerard Van, **Revelação Messiânica no Velho Testamento**, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1995.
9. HENRY, Carl F. H. **God, Revelation and Authority**, Vol. 2 (Waco, Tex.: Word Books, 1976).
10. HODGES, Louis Igou. **Evangelical Definitions of Inspiration: Critiques and a Suggested Definition**, JETS 3771, 1994.
11. HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: Uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1996.
12. JÚNIOR, Pr. Carvalho. **Coletânea de Curiosidades Bíblicas e Históricas**. Minas Gerais, 2007.
13. LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Ed. Rev. São Paulo: Hagnos, 2003.
14. MARIANO, Wellington. **O que é Teologia Arminiana?** 1ª Edição – São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

15. OLIVEIRA, Raimundo, Ferreira de. **Como estudar e interpretar a Bíblia.** Rio do Janeiro, RJ: CPAD, 1986.
16. _____. **As grandes doutrinas da Bíblia.** Rio do Janeiro, RJ: CPAD, 1987.
17. PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia.** Tradução: Lawrence Olson. 3. Ed. São Paulo: Editora Vida, 2009.
18. SILVA, Antônio Gilberto da. **A Bíblia através dos séculos: A história e formação do Livro dos Livros.** Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 15ª Edição-2004; 1986.
19. STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. **Igrejas que transformam o Brasil: Sinais de um movimento revolucionário e inspirador.** 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.
20. WARFIELD, Benjamin. **A Inspiração e autoridade da Bíblia.** Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
21. ZÁGARI, Maurício (organização). **Uma nova reforma: Após 500 anos, o que ainda precisa mudar?** Vários autores, 1ª Ed, São Paulo: Mundo Cristão, 2017.